

Sábado, 04 de Abril de 2026

A Amazônia não precisa só de internet

ANGELA BISCOUTO

Do alto, tudo é uma imensidão verde, cortada por rios poderosos repletos de vida. De perto, no entanto, a Amazônia é muito mais que apenas floresta e água. Vive ali boa parte dos nossos povos originários, constituintes de nossa cultura, protetores das matas e da biodiversidade local, além de comunidades repletas de conhecimento e costumes próprios. Toda essa riqueza material e imaterial não estão e nem devem estar, é claro, alheias ao que acontece no restante do mundo. Dependemos da Amazônia em dimensões que vão muito além da nossa compreensão consciente.

Por isso, chama a atenção de todos quando alguém promete conectar 19 mil escolas da região à internet, como fez recentemente o bilionário sul-africano Elon Musk, em visita ao Brasil no fim de maio. Embora a iniciativa tenha sido muito comentada, não é novidade a tentativa de levar internet aos recantos mais distantes da Amazônia. Existe, há muitos anos, um programa destinado a levar internet via fluvial para escolas que têm a impossibilidade de manter em sua equipe professores especializados, principalmente para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Estamos falando de professores de História, Química, Física e outros componentes curriculares. A solução proposta é de que esses estudantes tenham um tutor generalista em sala de aula e aulas on-line, ao vivo, ministradas por esses especialistas. Essa experiência existente, traz possibilidades ricas de acesso ao saber institucionalizado e carrega, também, as limitações de uma aprendizagem sem a troca olho no olho e sem a presença deste educador no espaço físico da escola.

Naturalmente, essa não é uma solução onipresente, no sentido de que não é toda escola da região que conta com ela - e funciona em alguns lugares melhor que em outros. Entretanto, precisamos nos lembrar que as possibilidades de conexão não solucionam todas as questões envolvidas na Educação de um território tão vasto e diverso. A internet apenas ameniza algumas das lacunas existentes. Educação, afinal, se faz na troca, na partilha, no estar junto. Só conectar essas escolas à internet, portanto, não é suficiente.

São três os fatores que propiciam que a aprendizagem junto da Tecnologia Educacional aconteça em plenitude. Tecnologia, Metodologia e Mediação. Tecnologia e Metodologia são fundamentais, é claro. Quanto melhor pudermos aplicar essas duas ferramentas às necessidades educacionais, melhor será o processo de apropriação do conhecimento. Sem a Mediação, porém, que é o trabalho realizado pelo professor, no corpo a corpo, nenhum dos dois primeiros fatores é o bastante.

Fornecer internet não é, necessariamente, trazer para dentro da escola saberes e conteúdos adequados. No dia a dia, é o professor que precisa saber quais as implicações éticas, políticas e morais do uso da internet. A cidadania digital também precisa ser construída por todos que compõem a comunidade escolar. Estar conectado não é apenas entregar a Tecnologia e virar as costas.

Além disso, há outro aspecto da promessa da Starlink a ser observado: por quais meios esses estudantes terão acesso à internet oferecida pela empresa? Qual é o custo para providenciar não apenas a conexão, mas os equipamentos que a utilizam? Quanto esse projeto vai exigir em outros recursos e de onde esses recursos sairão? A Tecnologia está posta e é bem-vinda, mas não podemos nos esquecer de trazer, junto dela, a Metodologia e a Mediação.

Outro detalhe a ser observado é a viabilidade das promessas feitas por Musk. Talvez seja o caso de olhar para experiências prévias da Starlink nesse sentido. O programa de internet via satélite da empresa já existe há algum tempo em lugares como a Europa e a América do Norte. São áreas com desafios muito menos significativos, em termos de logística e área de cobertura, quando comparadas à Amazônia. E, mesmo nessas áreas, alguns alarmes já soaram. A União Astronômica Internacional (IAU, na sigla em inglês) divulgou uma declaração que afirma que a constelação de satélites de Musk pode ter consequências ainda não previstas sobre nossa compreensão do universo e a proteção de animais selvagens com hábitos noturnos.

Outro detalhe a ser observado é a viabilidade das promessas feitas por Musk. Talvez seja o caso de olhar para experiências prévias da Starlink nesse sentido. O programa de internet via satélite da empresa já existe há algum tempo em lugares como a Europa e a América do Norte. São áreas com desafios muito menos significativos, em termos de logística e área de cobertura, quando comparadas à Amazônia. E, mesmo nessas áreas, alguns alarmes já soaram. A União Astronômica Internacional (IAU, na sigla em inglês) divulgou uma declaração que afirma que a constelação de satélites de Musk pode ter consequências ainda não previstas sobre nossa compreensão do universo e a proteção de animais selvagens com hábitos noturnos.

À luz dos tristes acontecimentos recentes no Vale do Javari, fica claro que os estudantes da Amazônia não precisam apenas de internet, mas de uma atenção cuidadosa para seu cotidiano muitas vezes marcado pelo medo, pela violência e pela precariedade. Urge a necessidade de entendermos e respeitarmos os contextos e trazermos escuta e atenção para as necessidades primordiais dessas comunidades, antes de impor ofertas pautadas em critérios externos aos que vivem e constroem esses lugares físicos e simbólicos. Sejamos escuta ativa, olhar atento e respeito a quem recebe, antes de querer se constituir como o benfeitor que entrega.

Angela Biscouto é coordenadora pedagógica do Sistema de Ensino Aprende Brasil.